

## Globalização e integração regional

Para melhor compreensão do processo de globalização – ampliação para o âmbito internacional de processos políticos, econômicos e culturais –, remeter aos capítulos que trabalham conceitos sobre esses eixos: o capítulo 3: Cultura e ideologia; o capítulo 6: Poder, política e Estado; e o capítulo 9: Trabalho e sociedade.

**Ao final deste capítulo, você será capaz de:**

- Compreender as características fundamentais dos processos de globalização e integração regional.
- Identificar as dinâmicas de integração e de fragmentação socioeconômicas, políticas e culturais presentes no processo de globalização.
- Reconhecer as assimetrias produzidas pelo processo de globalização e as possíveis alternativas presentes no debate político e social.
- Relacionar a integração regional com a realidade brasileira.



Limitada pela dinâmica de expansão do capitalismo, a globalização muitas vezes ratifica a Divisão Internacional do Trabalho (DIT) vigente no mundo, na qual os Estados Unidos e a Europa ocidental são os principais beneficiários do trabalho desempenhado por diversos povos e países do cenário mundial.



ANTON IVANOV/SHUTTERSTOCK



A Times Square, em Nova York (Estados Unidos), é um dos símbolos do mundo globalizado, no qual as relações capitalistas de produção e consumo possuem um papel absolutamente central. Foto de 2015.

ALFREDO MARTIRENA/CARTOON MOVEMENT



Principal pacto de integração na América do Sul, o Mercosul (Mercosur, em espanhol) está ameaçado tanto pela força dos países desenvolvidos, que buscam continuamente ampliar seus mercados de consumo de produtos industrializados e tecnológicos, quanto pela vitalidade de grandes economias emergentes, como a China, cuja expansão comercial é vista em todas as partes do mundo.

#### ◆ Questão motivadora

Os processos de globalização podem promover oportunidades iguais para todos os povos e países?

## 1 Primeiras palavras

O ano de 2015 foi marcado pela questão dos refugiados que tentaram chegar à Europa ocidental, ao Canadá e aos Estados Unidos em busca de condições dignas de existência. Entre as muitas histórias de refugiados provenientes de países periféricos como Congo, Afeganistão, Haiti, Iraque e Síria, uma das mais marcantes foi a de Alan Kurdi, o menino sírio de três anos de idade que morreu afogado quando sua família tentava atravessar de barco da Turquia para a Grécia.

Histórias como a de Alan e de sua família nos fazem perguntar: o que é **globalização**? Essa questão tem sido recorrente desde os anos 1990, quando a percepção das transformações culturais, econômicas e políticas entre os países, que vinham ocorrendo desde os anos 1970, tornou-se mais concreta na mídia e na própria comunidade internacional.

Neste capítulo, estudaremos as transformações que contribuíram para a ampliação das desigualdades internacionais, bem como algumas das alternativas econômicas, políticas e sociais que se apresentam no contexto das Ciências Humanas e Sociais.

Entre vozes favoráveis e contrárias ao processo de internacionalização do capital, daremos especial importância às pesquisas sobre os processos de integração social, de políticas econômicas e sociais, dos movimentos altermundialistas (que propõem um novo rumo para a globalização, mais igualitário) e dos fluxos migratórios internacionais que ajudam a compreender, diagnosticar e propor alternativas aos desequilíbrios criados ou acentuados pelo próprio capitalismo.

## 2 O debate sobre a globalização: um ponto de partida sociológico

A globalização é um fenômeno de múltiplas dimensões – econômica, social, política e cultural. O estudo da globalização vem sendo feito com base na articulação dos conceitos utilizados para explicar a organização e as consequências do capitalismo. Trata-se, portanto, da análise de relações de poder, organização da produção, apropriação de padrões culturais e ideológicos etc., produzidas em escala global, com efeitos importantes em todo o mundo.

Como acontece em todo debate que envolve agentes sociais com interesses conflitantes, a discussão sobre a globalização também produz leituras divergentes sobre seu funcionamento atual e suas possibilidades futuras. O **pensamento único** procura estabelecer a globalização como um processo natural e benéfico para a humanidade. Para o pensamento único, a globalização é um momento de realização do sonho de reduzir o mundo a uma única aldeia global, como imaginou o teórico canadense da comunicação Marshall McLuhan em meados do século XX.

### Cronologia

Fundação da Comunidade Econômica Europeia (CEE), com a finalidade de criar um mercado comum na Europa.

Crise do petróleo: o aumento do preço do petróleo, determinado pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), provocou nova crise no sistema capitalista mundial.

Deflagração da crise econômica nos Estados Unidos, cujos efeitos negativos se fizeram sentir na economia em todo o mundo.

1929

1957

1960

1973

1974

2008

2015

Primeira grande crise do capitalismo mundial, marcada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York, nos Estados Unidos, com repercussões econômicas e sociais em todo o mundo capitalista.

Criação da Associação Latino-Americana de Livre-Comércio (Alalc) como tentativa de integração regional latino-americana.

Fundação do Fórum Europeu de Administração em Davos, na Suíça; em 1987 passou a ser reconhecido como Fórum Econômico Mundial.

Estoura a crise dos refugiados, pela qual milhares de pessoas egressas de diferentes países tentam chegar preferencialmente à Europa ocidental, ao Canadá e aos Estados Unidos. Na América do Sul, o Brasil é o principal destino dos refugiados.

Nessa aldeia, a tecnologia permitiria a difusão imediata das notícias e manteria toda a população informada, ao mesmo tempo que tornaria as viagens cada vez mais rápidas, encurtando significativamente as distâncias. Tal mobilidade permitiria o funcionamento de um gigantesco mercado global capaz de tornar homogêneos os diferentes locais do mundo e produzir, assim, uma identidade universal que serviria de fundamento para a instauração de uma verdadeira cidadania global.

### Quem escreveu sobre isso

ROLLS PRESS/POPPIERPHOTO/GETTY IMAGES



McLuhan previu o surgimento da internet 30 anos antes de sua criação e hoje seu trabalho contribui para a análise social dos meios de comunicação.

### Herbert Marshall McLuhan

O canadense Herbert Marshall McLuhan (1911-1980) foi um filósofo e teórico da comunicação. Suas pesquisas influenciaram decisivamente a televisão e a publicidade, e seus estudos voltaram a atrair o interesse dos especialistas e do público depois da consolidação da internet, pois McLuhan previu a existência da rede mundial de computadores 30 anos antes de sua criação. Ele previu, ainda nos anos 1960, que a cultura da leitura e da escrita individual seria substituída pela mídia eletrônica, uma cultura audiovisual, e que a identidade individual daria lugar a uma identidade coletiva, em uma nova organização social, que chamou de "aldeia global". Há vários livros de sua autoria traduzidos no Brasil, entre os quais *Guerra e paz na aldeia global* (1971).

### Filme

- Encontro com Milton Santos – O mundo global visto do lado de cá

REPRODUÇÃO



Brasil, 2007.  
Direção: Silvio Tendler.  
Duração: 89 min.

O documentário tem como fio condutor uma entrevista com o geógrafo brasileiro Milton Santos, gravada meses antes de sua morte, em 2001. Suas falas, intercaladas com imagens que retratam diferentes aspectos econômicos, políticos e sociais do processo de globalização, sugerem uma profunda reflexão sobre o papel do Estado, da mídia e das grandes corporações no mundo atual, com base em uma abordagem crítica que aponta as contradições desse modelo.

### Quem escreveu sobre isso

MARCOS FERNANDES/CB/D.A.PRESS



Milton Santos foi um dos principais intelectuais brasileiros. Dedicou grande parte de sua vida a interpretar o fenômeno da globalização.

### Milton Santos

O geógrafo baiano Milton Santos (1926-2001) foi um dos mais importantes intelectuais brasileiros. Trabalhou em universidades e organizações internacionais em diferentes países, como Canadá, Venezuela, Estados Unidos e Tanzânia. No Brasil, atuou como professor titular e pesquisador da Universidade de São Paulo (USP). Seus estudos são diversificados e abordam principalmente urbanismo, espaço, subdesenvolvimento, geografia, globalização e urbanização. Entre os muitos livros que escreveu destaca-se *A natureza do espaço* (1996), no qual reinventa os conceitos de centro e periferia e define o caráter sociológico do espaço e a força política do lugar.

Para destacar a relação entre a estrutura social e as desigualdades sociais, em especial as decorrentes do capitalismo, remeter à discussão do capítulo 10: Estratificação e desigualdades sociais.

De fato, a velocidade com que as notícias circulam no mundo nem sempre se traduz em informação para as pessoas. O proclamado encurtamento das distâncias atende apenas os que possuem condições financeiras de viajar. E o grande mercado global tem, cada vez mais, demarcado diferenças regionais e promovido o consumismo. Ignorância, pobreza, desemprego, incapacidade de exercer a cidadania, disputas étnicas e movimentos separatistas são situações ainda comuns no planeta e revelam a dificuldade de aceitar a visão ideológica da globalização como um processo de aperfeiçoamento do mundo.

A crítica a uma globalização livre de problemas também nos leva a pensar sobre a possibilidade de ser estabelecida outra globalização. As bases técnicas que permitem que a globalização intensifique os aspectos negativos do capitalismo internacional podem também ser usadas para promover uma globalização mais humana. O desenvolvimento tecnológico não leva necessariamente a efeitos perversos, evidenciados por desigualdades e violações dos direitos humanos. Tais consequências decorrem da forma como esses meios são empregados pela sociedade. Eles poderiam, portanto, ser utilizados para promover os ideais modernos de liberdade, igualdade e fraternidade no plano internacional.

Há evidências no mundo globalizado que justificariam essa posição, pois é possível reconhecer os potenciais democráticos e libertários que um uso alternativo da capacidade tecnológica e cultural da humanidade permitiria. Essas evidências podem ser percebidas nos seguintes fenômenos:

- a mistura crescente de povos, culturas e costumes promove outra mistura, de filosofias e pensamentos, que lentamente acaba com a exclusividade do racionalismo europeu na construção das "verdades" do mundo;
- a aglomeração de pessoas em áreas menores intensifica essas trocas e a produção de ideias e de ações novas, o que foi chamado de **sociodiversidade**;
- ocorre a emergência da cultura popular, que se apropria dos meios de cultura de massa e imprime valor estético e cultural a um espaço antes ocupado pela lógica do mercado.

Essas evidências apontariam para a sobrevivência e o revigoramento das relações locais, abrindo a possibilidade de usar os avanços tecnológicos em prol da humanidade.



Acima, reunião do Fórum Econômico Mundial em Davos (Suíça, 2015), evento anual que divulga os efeitos benéficos da globalização. Ao lado, marcha antes da abertura da Cúpula dos Povos, na cidade do Panamá (Panamá, 2015), evento que defende itens como a preservação dos recursos naturais, a segurança alimentar, a universalização do emprego.



### 3

## O mundo se modifica e um novo debate se inicia

As várias facetas da globalização são traduzidas por conceitos como compressão espaço-temporal, interdependência econômica, impressão de encurtamento das distâncias, integração global, reordenação das relações de poder, surgimento de uma cultura global e consciência do aumento das diversidades. Cada uma dessas diferentes facetas é citada nos muitos discursos sobre o tema.

A oposição ao processo de globalização e a seus efeitos também inclui diferentes pontos de vista de movimentos nacionais, alguns com tendências fundamentalistas (que rejeitam a globalização e valorizam a estrutura local com posições conservadoras ou até mesmo xenofóbicas), e de movimentos antiglobalização (que denunciam a globalização como produtora de desigualdade e pobreza) ou alternativos mundiais.

A ideia de globalização passa a sensação de que as pessoas mudaram a forma como vivenciam o cotidiano e como percebem relações mais amplas, que fogem à experiência imediata. É o caso da popularização de telefones celulares, que influem em aspectos da vida privada, bem como das transações comerciais e dos conflitos políticos entre os países na esfera pública. Como explicar essa sensação de ruptura?

Não são novas as ideias de um mundo globalizado, no qual as pessoas iriam além de suas fronteiras nacionais e culturais e compartilhariam valores planetários comuns. É certo que a revolução tecnológica que se iniciou no final dos anos 1960, cujos efeitos só foram difundidos quase 30 anos depois, constituiu o grande diferencial entre o presente e o passado próximo.

Durante a década de 1990, foi intensamente divulgada a ideia de que as fronteiras nacionais perderiam parte do sentido e de que o mundo seria governado pelos princípios das relações comerciais autorreguladas pelas leis de mercado. O avanço tecnológico e a resposta neoliberal às crises econômicas dos anos 1970 foram responsáveis pela reorganização da produção em uma lógica pós-fordista, ao mesmo tempo que a dissolução da União Soviética acabava com o principal modelo alternativo ao capitalismo. Tudo isso fortaleceu a visão da globalização como legitimadora do pensamento único. A internet, usada como veículo de transmissão de notícias e ideias, e também para transações econômicas internacionais, levou a um novo patamar o entrelaçamento econômico, político e cultural das nações. A diversidade de informações disponíveis passou a influenciar os mais variados grupos sociais e criou novas formas de diálogo entre o global e o local.

Exemplos de possibilidades abertas pelas transformações tecnológicas, políticas e culturais decorrentes do surgimento da internet são a capacidade de mobilizar milhares de pessoas para participar de manifestações, como nos eventos da chamada **Primavera Árabe**, e a transferência de grandes quantias de dinheiro de uma parte do mundo para outra usando um computador pessoal ou um aparelho celular. Grupos e organizações de diversos tipos, como a **Al-Qaeda**, o **Anonymous**, o **Greenpeace**, entre outros, ampliaram suas bases de ação e buscam uma identidade que não se restringe a um território nacional, pois agem transnacionalmente.

O cientista político estadunidense Samuel P. Huntington (1927-2008) desenvolveu uma linha de raciocínio chamada "Choque de Civilizações", segundo a qual as identidades culturais e religiosas das populações serão as principais fontes de conflitos bélicos no mundo após a Guerra Fria. *A Primavera Árabe foi abordada no capítulo 1.*

YANG HOI SING/AFP



Manifestantes protestam nas ruas de Seul (Coreia do Sul, 2010) contra o encontro do G20 – Grupo dos 20, formado pelos ministros da Economia e presidentes dos bancos centrais das 19 maiores potências econômicas, além da União Europeia.

### Primavera Árabe

Manifestações populares ocorridas em países do norte da África e do Oriente Médio que levaram à queda de diversos ditadores nessas regiões.

### Al-Qaeda

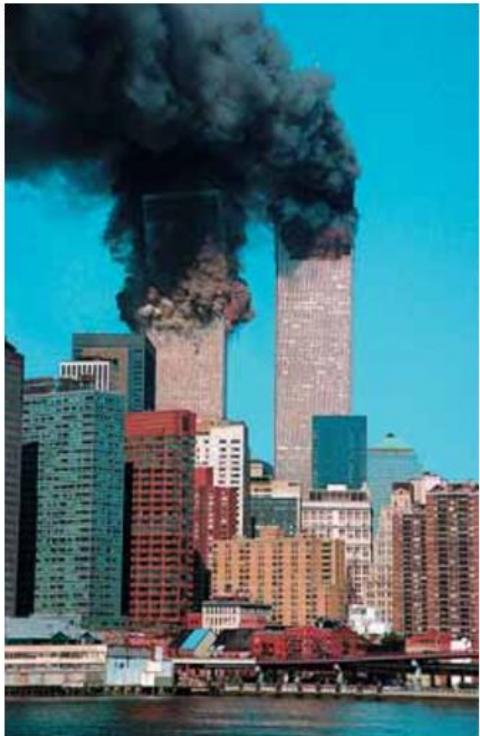
Grupo fundamentalista islâmico responsável pelos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos.

### Anonymous

Comunidade que atua promovendo ações em diferentes partes do mundo, relacionadas à garantia dos direitos sociais.

### Greenpeace

Organização não governamental que promove ações contra a destruição de recursos naturais.



O atentado da Al-Qaeda ao World Trade Center, em Nova York (Estados Unidos, 2001) levou um Estado nacional a declarar guerra a um grupo transnacional e inseriu o tema da segurança no debate sobre a globalização.



Manifestantes coordenados pelo grupo Anonymous atuam pelo mundo em defesa de diferentes causas. Na foto, eles marcham rumo ao Parlamento, em Londres (Reino Unido, 2012).

Assim, ele se coloca na contramão de alguns pensadores, segundo os quais os Estados nacionais seriam as únicas alternativas ideológicas válidas depois do fim da Guerra Fria. Para esse autor, os conflitos de grande intensidade não terão lugar entre as classes sociais, e sim entre os povos pertencentes a diferentes entidades culturais e religiosas.

Essa ideia defendida por Huntington recebeu inúmeras críticas; algumas chegaram a afirmar que o teórico estava induzindo a confrontos por imaginar o choque cultural no contexto da globalização. Porém, a teoria serve de alerta, sendo esse o verdadeiro objetivo do pensador.

## ◆ O mito da globalização

Para o cientista político argentino José María Gómez, a globalização funciona como um mito, uma ferramenta a serviço das novas estratégias de acumulação do capitalismo internacional.

Como foi produzido esse mito? O termo “globalização” passou a ser difundido no início dos anos 1980, depois de ser cunhado nas escolas americanas de administração de empresas. Contemporâneo da consolidação hegemônica do neoliberalismo, passou a fazer parte do discurso neoliberal depois de ser mencionado em livros de especialistas em estratégia e *marketing* internacional e divulgado na imprensa.

A base do mito, portanto, está na visão das grandes corporações internacionais e de grupos e classes comprometidos com a geração de lucros no universo capitalista; para estes, a globalização é um fenômeno benéfico e irreversível, pois combina as ideias de ampliação das possibilidades de lucro, de velocidade de comunicação e de tomadas de decisão em tempo real, enquanto difunde como inevitável o fato de as grandes corporações privadas ditarem as formas de organização da produção no mundo. Tal afirmação seria legitimada pelo suposto “fim do Estado” como protagonista econômico e político nas relações internacionais, uma vez que o Estado nacional seria o responsável pelas restrições ao livre-comércio que impediriam o capital financeiro internacional e as grandes corporações de agir livremente e gerar prosperidade e bem-estar para todas as nações.

Essa visão otimista e favorável à globalização foi assumida pelo pensamento neoliberal mais radical.

### Livro

- ◆ **FRIEDMAN, Thomas L.**  
*O mundo é plano: uma breve história do século XXI.*

Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

Thomas Friedman analisa os efeitos da globalização em linguagem jornalística e pela metáfora do achatamento do mundo. Para o autor, os indivíduos estão percebendo sua capacidade de colaborar e concorrer no âmbito mundial.

## Quem escreveu sobre isso

CAMILA GRINSZTEIN



O cientista político José María Gómez, pesquisador de temas como globalização, regionalização e integração.

### José María Gómez

O cientista político argentino José María Gómez (1947-) é pesquisador do Brics Policy Center, centro de estudos e pesquisa da prefeitura do Rio de Janeiro em parceria com a Pontifícia Universidade Católica da mesma cidade (PUC-RJ). Atua como professor e pesquisador na área de Relações Internacionais. Suas pesquisas abordam os direitos humanos, o autoritarismo e a ditadura, assim como a globalização, a regionalização e a integração. Estudou ainda o imperialismo contemporâneo, os movimentos altermundialistas, as identidades, o Mercosul e a Comunidade Europeia. O fio condutor de suas pesquisas são a cidadania e as lutas para a garantia de direitos, tanto no plano nacional quanto no plano global.

## ◆ Por uma outra globalização

Independentemente da difusão do mito, entre os muitos efeitos concretos da globalização pode-se citar o aumento geral do comércio e a maior fluidez das transações financeiras. Uma importante consequência da posição liberal, que entendia esses efeitos como necessariamente positivos, foi a defesa da ideia de que as melhores soluções para as questões sociais estariam nas leis do mercado; por exemplo, quanto mais livre fosse a concorrência, melhor seria a qualidade do produto e menores os preços – o que supostamente aumentaria o consumo da população e, em consequência, a qualidade de vida – ou, ainda, quanto maior fosse a voracidade do empreendedor, maiores seriam a criatividade, a inovação e o ganho do consumidor. Seguindo esse princípio, a cidadania estaria cada vez mais associada ao consumo e cada vez menos relacionada aos direitos sociais conquistados ao longo da História.

Os aspectos negativos dos efeitos da globalização, porém, logo se fizeram notar. Nos países periféricos da economia capitalista internacional, por exemplo, as elites locais geralmente se associam ao grande capital, o que facilita a instalação das grandes corporações multinacionais, que exploram a força de trabalho e os recursos naturais pagando salários cada vez mais baixos e utilizando métodos predatórios. As consequências negativas também se revelam em situações extremas, como na exploração do trabalho infantil, no turismo sexual, que usa crianças e adolescentes, e na destruição do meio ambiente.

As críticas direcionadas ao fenômeno da globalização acabam atingindo outro alvo: a crença irrestrita no progresso, fundamentada na concepção evolucionista da História, segundo a qual o futuro será necessariamente melhor que o passado. Ao evidenciarem as mazelas criadas ou aprofundadas pelo processo de globalização, os críticos contrariam os que defendem o desenvolvimento capitalista como único destino possível para a humanidade com base nessa concepção.

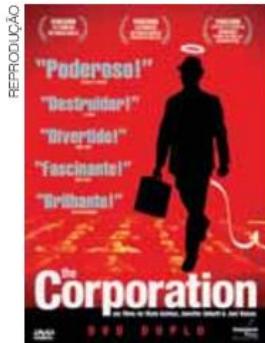
Essas considerações revelam tendências tanto conservadoras e nacionalistas como universalistas e progressistas. São representadas por organizações e movimentos sociais, como ambientalistas, sindicalistas, feministas e defensores dos direitos humanos, e têm em comum a meta de viabilizar outro tipo de globalização, que garanta os direitos de todos, preserve a natureza e utilize os recursos de forma racional e justa. Ou seja, esses movimentos não se opõem ao fenômeno globalizador, mas à globalização no molde capitalista liberal, que privilegia as grandes corporações e as potências econômicas.

Essa discussão sobre relações de poder e modelo de desenvolvimento foi feita nos capítulos 6: Poder, política e Estado e 11: Sociologia do Desenvolvimento. Com base neles, fica mais fácil compreender as propostas do projeto neoliberal de globalização e também as críticas a ele.

 **Livro**  
SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI. No loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. (Coleção Virando Séculos).

O autor trata da aceleração dos processos de transformações tecnológicas na passagem para o século XXI e da emergência de um mundo cada vez mais globalizado. Por outro lado, procura mostrar como, apesar da "síndrome do loop", as transformações sociais do fim do século XX trazem consigo novas possibilidades de crítica e novas formas de luta social.

- The Corporation  
(A corporação)



Canadá, 2003.  
Direção: Mark Achbar e Jennifer Abbott.  
Duração: 145 min.

O documentário une vídeos institucionais, imagens documentais e entrevistas de personalidades como Noam Chomsky, Milton Friedman e Sir Mark Moody-Stuart (ex-dirigente mundial da Shell), além de artistas, jornalistas e executivos, para investigar a atuação das grandes corporações transnacionais no mundo contemporâneo. Por meio de uma abordagem psicológica, com análise dos crimes praticados por algumas empresas, o filme procura mostrar como o "comportamento" dessas pessoas jurídicas pode ser associado ao que se entende como psicopatologia, devido à sua busca incessante por lucro e realização "pessoal", sem nenhuma preocupação com possíveis danos causados a terceiros.

O debate sobre a globalização e seus limites envolve diferentes enfoques e prioridades, desde a dilapidação do meio ambiente e dos recursos naturais até a ampliação da exploração dos trabalhadores sob condições que lembram as do início do século XIX. As alternativas oferecidas também variam, com destaque para as que priorizam a atuação da sociedade civil, por meio dos movimentos sociais e das organizações não governamentais (ONGs), para pressionar Estados e empresas em favor das minorias. Outras propostas sugerem que os Estados enfraquecidos se unam em blocos transnacionais, a fim de enfrentar as grandes corporações, de maneira que possam voltar a regular as atividades das grandes empresas.

Nesse contexto, surgem iniciativas de alguns governos, como a Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América (Alba), fundada por Cuba e Venezuela, que já inclui Bolívia, Nicarágua e El Salvador. A ideia é fazer frente ao imperialismo estadunidense e ao domínio de organizações internacionais, bem como às grandes corporações transnacionais.

## 4 Integração regional

Os processos de integração regional estão diretamente ligados ao desenvolvimento do capitalismo globalizado. Novos **blocos econômicos** surgiram em meados do século XX, o que resultou em diferentes graus de integração entre os países. O diálogo econômico implica integração política. A ideia de complementar de maneira mais satisfatória a relação econômica entre os países de uma mesma região tem como finalidades o crescimento econômico e a melhoria da qualidade de vida.

Mas nem sempre isso é possível. A integração regional muitas vezes contempla economias muito distintas. Além disso, países com menor grau de desenvolvimento industrial e tecnológico tendem a perder espaço na concorrência comercial. As ações políticas e econômicas de integração também têm impacto significativo na vida das pessoas, e muitas vezes os resultados sociais são perversos para determinados países e para populações mais vulneráveis economicamente.

A seguir, estudaremos a formação de blocos econômicos tomando como exemplo o Mercado Comum do Sul (Mercosul), uma experiência de integração regional que envolve cinco países da América do Sul, incluindo o Brasil, os quais buscam a cooperação econômica e o estreitamento de relações nos campos político, cultural e social.

### A formação de blocos econômicos

A discussão sobre soberania foi feita no capítulo 6: Poder, política e Estado.

A formação de blocos econômicos é uma importante modalidade de organização do sistema internacional. Na América Latina, a procura por políticas de integração econômica tem sido uma marca importante da política externa regional.

Do ponto de vista político e jurídico, a integração a blocos econômicos é um ato soberano do Estado. No entanto, a união de diferentes países, com pesos econômicos também diferentes, que passam a assumir posições e compromissos comuns, pode conduzir a certo grau de perda de soberania ou, pelo menos, de autonomia de alguns deles.

Do ponto de vista econômico, a integração ocorre em diferentes níveis de intensidade. É também um processo político entre dois ou mais países para reduzir, total ou parcialmente, as barreiras comerciais entre eles. Pode-se distinguir pelo menos quatro grandes etapas nos processos de integração econômica:

- Área ou Zona de Livre-Comércio (ZLC). Tem como objetivo estabelecer uma tarifa zero entre os países-membros, os quais eliminam barreiras ao comércio recíproco, mas mantêm políticas comerciais independentes em relação a outras nações. São exemplos de ZLC o Nafta (*North American Free Trade Agreement* – Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio) e a extinta Alalc (Associação Latino-Americana de Livre-Comércio).

b) União Aduaneira (UA). Também denominada união alfandegária, é uma ZLC na qual os Estados-membros seguem uma política comercial comum em relação a outros países, mediante a adoção de uma tarifa externa comum (TEC). São exemplos de UA a *Zollverein* dos estados germânicos, de 1834, e o Mercosul, de 1991.

c) Mercado Comum (MC). União aduaneira em que há a livre circulação de fatores de produção (mão de obra, capitais, insumos etc.) entre os países da região, sem restrições legais. O melhor exemplo de MC foi a Comunidade Econômica Europeia (CEE), criada em 1957.

d) União Econômica ou Monetária (UE). Mercado comum no qual há unificação das políticas monetárias e fiscais. Com o estabelecimento da união econômica, a plena unificação dos mercados é atingida.

A constituição de um bloco econômico é a principal política de integração regional para criar e ampliar espaços internacionais ou supranacionais que permitam maior complementariedade, intercâmbio e incremento da capacidade competitiva dos países-membros em relação ao resto do mundo.

Alguns analistas destacam que essas políticas seriam etapas prévias para um mundo verdadeiramente globalizado. Outros afirmam exatamente o contrário, ou seja, que políticas de integração são reações dos países aos efeitos nocivos da globalização.

## O Mercosul

A história das políticas de integração na América Latina remonta a 1815, quando Simón Bolívar publicou a *Carta de Jamaica*, conclamando os povos da região, que antes pertencia ao Império Espanhol, a se unir contra o domínio europeu e a formar uma confederação hispano-americana. Desde então, houve inúmeras iniciativas, nenhuma completamente bem-sucedida. A mais expressiva ocorreu em 1960, quando, sob inspiração da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), criou-se a Associação Latino-Americana de Livre-Comércio (Alalc), sucedida pela Associação Latino-Americana de Integração (Aladi), de 1980, que hoje só existe formalmente.

Nos anos 1980, no contexto da redemocratização da região, Brasil e Argentina resgataram a ideia de construir políticas de integração regional. O resultado do diálogo, ampliado pela presença do Paraguai e do Uruguai, foi a criação do Mercado Comum do Sul – Mercosul –, pelo Tratado de Assunção, em 1991.

Em 1998, foi assinado o Protocolo de Ushuaia, na cidade argentina de mesmo nome, pelos quatro Estados-membros do Mercosul (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai) e mais dois Estados associados (Bolívia e Chile). Nesse protocolo, foi reafirmado o compromisso democrático entre todos os Estados do Mercosul, tanto os membros quanto os associados.

Em 31 de julho de 2012, o Mercosul incluiu seu quinto membro, a Venezuela. Além deles, a instituição conta com Estados associados – os já mencionados Bolívia e Chile, além de Colômbia, Equador e Peru –, todos envolvidos em outros pactos de integração. O México e a Nova Zelândia são Estados observadores, ou seja, ainda não participam, mas pretendem participar em um futuro próximo.

Ao contrário da União Europeia, que apresenta instâncias supranacionais de poder (como ensaia o Parlamento Juvenil do Mercosul), a estrutura do Mercosul é essencialmente intergovernamental, ou seja, tudo o que for votado tem que passar pela aprovação de cada um dos Estados-membros. Dos pactos integrationistas que contam com a presença do Brasil, esse é o mais importante e um dos eixos da política externa do país.



A Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (Apec – *Asia-Pacific Economic Cooperation*) apresenta os maiores volumes de negócios do planeta. Na foto, primeira plenária do bloco, em Honolulu (Havaí, 2011).

 Site  
◆ [http://parlamentojuvenil.educ.ar/?page\\_id=173](http://parlamentojuvenil.educ.ar/?page_id=173)

Acesso em: mar. 2016.

Site do Parlamento Juvenil do Mercosul. Apresenta propostas para o projeto "A escola que queremos". Contém material desenvolvido exclusivamente pelo IIPE (Instituto Internacional de Planejamento da Educação) da Unesco para professores e alunos, que serve de estímulo a debates sobre temas como inclusão, gênero, trabalho, participação e direitos.

A União de Nações Sul-Americanas (Unasul) é uma organização intergovernamental composta de 12 Estados da América do Sul. Criada em maio de 2008, durante a Terceira Cúpula de Chefes de Estado, realizada em Brasília, ela busca construir, em âmbito continental, uma integração cultural, social, econômica e política, respeitando a realidade das diversas nações. Na foto, vários ministros de Relações Exteriores dos países que compõem a entidade posam para foto durante a cúpula na cidade de Quito (Equador, 2015).



RODRIGO BUENDIA/AF

REPRODUÇÃO



Logotipo da Unasul. Em sua página oficial, a organização aponta como desafios eliminar as desigualdades socioeconômicas, alcançar a inclusão social, aumentar a participação cidadã, fortalecer a democracia e reduzir os desequilíbrios existentes, considerando a soberania e a independência dos Estados.

Com base no Protocolo de Ouro Preto, de 1994, o Mercosul tem a seguinte estrutura institucional:

- Conselho do Mercado Comum (CMC). Órgão superior, responsável pela condução política do acordo. O CMC é formado pelos ministros das Relações Exteriores e da Economia dos países-membros e se pronuncia por meio de **decisões**.
- Grupo Mercado Comum (GMC). Órgão executivo, responsável por fixar os programas de trabalho e negociar acordos com terceiros em nome do Mercosul. O GMC é composto dos ministérios das Relações Exteriores e da Economia e dos bancos centrais dos países-membros, e se pronuncia mediante **resoluções**.
- Comissão de Comércio do Mercosul (CCM). Órgão técnico, responsável por apoiar o GMC no que tange à política comercial do bloco. Pronuncia-se por meio de **diretivas**.

## ◆ Fim das barreiras e fronteiras?

Embora os processos de integração regional procurem diminuir barreiras comerciais ou culturais em sua área de influência, as fronteiras ainda são muito fortes quando se trata de imigrantes, especialmente aqueles oriundos de países da África, Ásia ou América Latina. No entanto, elas parecem livres quando se trata de circulação de mercadorias.

Para um dos mais importantes sociólogos da atualidade, o polonês Zygmunt Bauman, a mobilidade é uma das novas formas de distinção social. O mundo estaria se tornando, já há algumas décadas, cada vez mais polarizado e, ao mesmo tempo, economicamente integrado. A estrutura social, da mesma forma, estaria cada vez mais polarizada, com as possibilidades de deslocamento no espaço global figurando entre os principais fatores de distinção entre os "de cima" e os "de baixo".

Segundo Bauman, a mobilidade tornou-se o fator de estratificação mais poderoso e mais cobiçado pelas "pessoas que investem" – aquelas que têm o capital necessário para o investimento. Não é difícil perceber que um grande empresário tem mais e melhores meios de mobilidade que seu empregado. Mas o que ele aponta é que essa possibilidade de deslocamento tornou-se um elemento fundamental para distinguir as classes sociais em âmbito global, não só pelos meios com os quais se movimentam, mas também, ou principalmente, pelas restrições e segregações espaciais que isso acarreta.

O debate sobre os refugiados, por exemplo, ganha enorme importância quando são abordadas as questões referentes aos direitos humanos. Um exemplo foi a criação, em 1950, no seio da ONU, do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) com o objetivo de proteger e auxiliar as vítimas de perseguição, da violência e da intolerância. Hoje, podemos afirmar que é uma das principais agências humanitárias do mundo.

Em 2015, milhares de refugiados sírios, fugindo da guerra civil, ultrapassaram diversas fronteiras e chegaram a vários países europeus. Tal onda imigratória gerou inúmeros debates, principalmente no que diz respeito à autonomia dos países europeus de escolher entre receber ou não esses refugiados.

Considerando as formas de deslocamento, muitos estudos sobre globalização se concentram nos fluxos migratórios. Em geral, eles indicam um movimento "periferia-centro", o que deixa claro que ainda há um "centro" no capitalismo global, para onde muitos vão em busca de melhores salários: Europa, Estados Unidos e Japão. Uma das características da última década, no entanto, vem sendo a migração sul-sul, em direção a países dependentes que vêm mantendo um dinamismo econômico capaz de atrair mão de obra (como China e Brasil).

Os limites à entrada de imigrantes e as concomitantes políticas restritivas não são a única forma de segregação espacial existente hoje. Mesmo em uma grande cidade, ou do ponto de vista do deslocamento campo-cidade, persistem velhas formas de segregação, enquanto outras são criadas. O alto custo do transporte, por exemplo, é um elemento que ainda pode excluir muitas pessoas dos benefícios que os novos meios de mobilidade oferecem.

## 5

## Juntando e separando países

A construção de blocos regionais e a dissolução de fronteiras no processo de globalização podem ser mais bem compreendidas mediante o debate sobre integração. O princípio de "separar e juntar" (*solve et coagula*), muito importante para que os alquimistas da Idade Média entendessem o processo de transformação dos metais, também é utilizado para indicar as mudanças que ocorrem nas sociedades humanas. Essa analogia ajuda a entender a política em tempos de globalização, sintetizada nos polos: integração e fragmentação das relações internacionais.

Hoje, a integração e a globalização transformam as relações entre países. Enquanto a primeira "junta", a segunda "separa". O processo de integração regional surgiu para agregar o poder dos agentes internacionais de determinada área geográfica em torno de interesses comuns e distribuir o poder entre os diferentes Estados soberanos.

Uma das consequências dessa redistribuição de poder são as mudanças que a nova configuração traz para a compreensão dos direitos. O Estado nacional, na modernidade, define os direitos dos seus cidadãos, que, numa primeira abordagem, estão reduzidos às fronteiras nacionais. Porém, com os processos de integração regional, os direitos passam a ser pensados de duas formas principais: no âmbito do Estado e no âmbito internacional. A maior expressão da segunda forma ficou consolidada como direitos humanos.

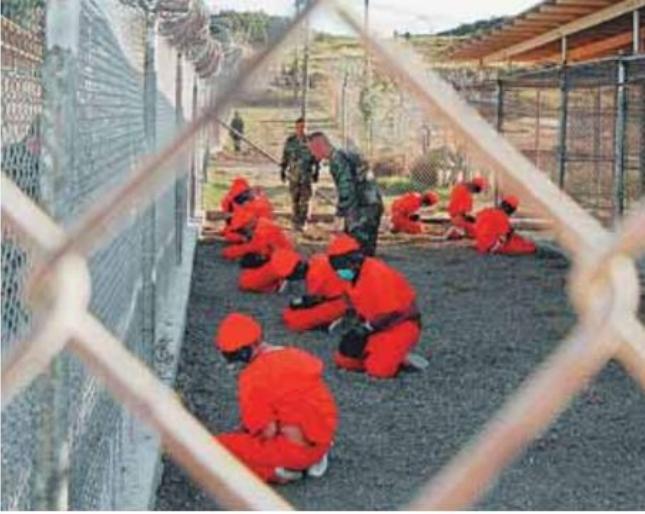
É possível perceber que, a partir da "guerra ao terror", lançada pelos Estados Unidos após os atentados de 11 de setembro de 2001, a reafirmação da soberania e a busca por ordem e segurança fizeram com que os direitos de muitos cidadãos em vários países fossem suspensos com base em uma posição arbitrária dos Estados Unidos. Esse poder unilateral fica evidente quando organizações internacionais, como a Cruz Vermelha, denunciam a existência de centenas de presos na prisão de Guantánamo (instalada em território cubano), a maioria de cidadania afegã ou iraquiana, ali mantidos sem acusação formal, sem processo constituído e sem direito a julgamento. Esse momento de exceção foi demonstrado por José María Gómez, que analisou os atos dos Estados Unidos durante os dois mandatos de George Bush (1946-), de 2001 a 2009.

Situações como essa revelam a realidade perversa da globalização, diferente do mito da cidadania global e do mundo sem fronteiras. Somada aos conflitos políticos, a competição econômica também exibe uma faceta negativa. O consumo, e não a cidadania, torna-se medida de inclusão social. A competição mediada pelo mercado e pela indústria cultural elimina mecanismos de proteção social, o que pode ter consequências como fome, pobreza, doenças, educação de baixa qualidade etc.



### Supercrise

Jogo desenvolvido pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, baseado no jogo de cartas Supertrunfo, em que dados econômicos (PIB, inflação, taxa de desemprego, juro real e rating) de trinta nações são comparados. Além de propiciar o contato com dados de diferentes países, o jogo estimula o participante a refletir sobre os indicadores econômicos de cada país com base em uma perspectiva de comparação global. Para jogar, clique em <<http://www.estadao.com.br/infograficos/supercrise-um-jogo-para-testar-seus-conhecimentos-sobre-a-economia-mundial,economia,235094>>. Acesso em: mar. 2016.



O lado perverso da globalização também pode ser visto na atitude dos Estados Unidos de manter na prisão de Guantánamo pessoas de diferentes nacionalidades em condições que violam os direitos humanos e a Convenção de Genebra. Acima, detentos sofrem represálias de soldados na prisão (Cuba, 2002).



Diante da Casa Branca, na cidade de Washington (Estados Unidos, 2013), manifestantes pedem o fechamento da prisão de Guantánamo por causa das violações dos direitos humanos.

Nessa perspectiva, a integração é um processo em que os Estados se reúnem, motivados por interesses, para se defender de uma ameaça comum. As decisões são tomadas de acordo com a soberania de cada país. Esse procedimento pode ser chamado de intergovernamentalismo: os Estados governam com base em princípios definidos entre si, em uma esfera supranacional que não desautoriza nem contraria os princípios nacionais de nenhum deles. Assim, o regionalismo pode ser interpretado como sinônimo de integração.

Em razão de suas contradições, existe certo ceticismo em relação aos benefícios da globalização, ao mesmo tempo que há uma visão otimista. As formas diferenciadas de ver o mesmo fenômeno foram estudadas pelos cientistas sociais britânicos David Held (1951-) e Anthony McGrew, que criaram dois conceitos para definir essas perspectivas: céticos e globalistas. Para os autores, os céticos concentram seus estudos na identidade nacional, na ação estatal, no comunitarismo, no imperialismo e nas assimetrias regionais. Os globalistas, por sua vez, dedicam-se, entre outras coisas, a estudar os fluxos, as redes, o declínio do poder do Estado, o cosmopolitismo e o multilateralismo.

Uma terceira abordagem considera a integração um **fenômeno identitário**. Sob essa perspectiva, países europeus com identidade europeia se reuniriam na Comunidade e/ou União Europeia. Por analogia, brasileiros, argentinos, uruguaios, paraguaios e venezuelanos se reuniriam em um modelo de integração comum, o Mercosul. A integração apresentaria ainda uma tendência de expansão, em vez de ficar restrita a uma região. Isso se daria por dois motivos: o primeiro seria a influência cada vez menor da soberania do Estado nacional nas decisões, já que em instituições ou órgãos internacionais integradores as decisões tenderiam a ser supranacionais, isto é, seriam legitimadas por organizações internacionais, e não por um Estado nacional; o segundo seria o fato de que essas instituições incorporariam cada vez mais Estados, indo além da região de atuação original.

Para o sociólogo libanês Amin Maalouf, o mundo atual precisa resolver os problemas globais produzidos nos últimos anos. A globalização foi conduzida principalmente pelo Ocidente (Europa e Estados Unidos) e está muito distante de atender aos ideais universalistas que ostenta como seu fundamento. Para integrar-se ao espaço defendido pelo discurso universalista, seria necessário abandonar antigas tradições ou posições nacionalistas, por exemplo. Também seria preciso organizar a coexistência, viabilizar o desenvolvimento sustentável e consolidar uma solidariedade global para evitar imposições neoimperialistas dos países centrais e evitar a dissolução das civilizações. Maalouf afirma que isso pode ser uma possibilidade para o futuro, caso o progresso se mantenha e determinadas utopias se concretizem.

### Fenômeno identitário

Referindo-se à integração, remete à existência de uma cultura global que unifica pessoas de diversas partes do mundo e facilita o entendimento político entre elas com o estabelecimento de discussões e agendas políticas comuns. Para muitos, também é a identidade que sustenta os princípios de integração, pois permite o apoio de cidadãos à cessão de soberania de seus governos em determinados processos, além de amparar os governantes em decisões intergovernamentais. A identidade nacional auxilia os governantes a dirigir um Estado; a identidade regional os auxilia em um processo de integração.

## Quem escreveu sobre isso

MIGUEL RIOPA/AFP



Amin Maalouf, escritor e ensaísta franco-libanês, problematiza o esgotamento das civilizações ocidental e árabe.

### Amin Maalouf

O escritor franco-libanês Amin Maalouf (1949-) graduou-se em Sociologia e Ciências Econômicas na Universidade Saint-Joseph, de Beirute, no Líbano, e passou dez anos cobrindo guerras como jornalista, período durante o qual visitou cerca de 60 países. Escritor desde 1985, ficou conhecido por seus romances e ensaios, nos quais aborda antigos problemas nas relações entre Oriente e Ocidente lançando mão de perspectivas diferenciadas. Entre seus trabalhos mais comentados estão *A Cruzada vista pelos árabes* (1983) e seu ensaio *Um mundo em desajuste: quando nossas civilizações se esgotam* (2009), no qual defende que tanto o Ocidente quanto o mundo árabe precisariam, para superar os impasses das crises política, econômica e cultural da atualidade globalizada, reinventar suas crenças e produzir valores universais capazes de conduzir o mundo a um novo momento histórico.

### Site

♦ [www.cplp.org](http://www.cplp.org)

Acesso em: fev. 2016.

Site da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. É um espaço de cooperação e meio para uma ação coletiva, multilateral, nos mais variados setores de atividade, entre eles a educação.

## Saiba mais

### A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

Um exemplo marcante de integração política e cultural realizada no contexto da globalização pode ser visto na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), uma organização internacional criada no mês de julho de 1996, com sede na cidade de Lisboa, e constituída pelos seguintes Estados: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Os órgãos que a compõem são a Conferência de Chefes de Estado e Governo, o Conselho de Ministros, o Comitê de Concertação Permanente e o Secretariado Executivo.

Embora muito se discuta sobre a dissolução de laços comunitários ou locais na era global, a formação dessa “comunidade internacional” implica uma importante discussão sobre os significados da globalização: em que medida é possível constituir novos grupos e comunidades globais, novas identidades e formas de se “inserir” na sociedade global? A inserção de nações ou regiões na nova organização geopolítica e econômica mundial é um dos principais pontos nas agendas de diversos governos, uma vez que pode criar laços políticos ou econômicos vantajosos na nova era da competitividade global.

### Comunidade dos Países de Língua Portuguesa



O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), que unifica a língua portuguesa e entrou em vigor a partir de 1º de janeiro de 2016, obrigatoriamente, para os países da CPLP, é um exemplo de integração cultural com desdobramentos econômicos na área editorial.

**Fonte:** CPLP. Disponível em: <[www.cplp.org/Files/Billeder/cplp/bandeiras/Mapa\\_CPLP.jpg](http://www.cplp.org/Files/Billeder/cplp/bandeiras/Mapa_CPLP.jpg)>. Acesso em: 24 mar. 2016.; The World Bank. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/country>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

## Governança

O conjunto das condições que garantem que um Estado seja eficiente. A governança pressupõe que a capacidade de governo não pode ser avaliada apenas pelos resultados da política governamental, mas também pela forma como o poder é exercido. O conceito foi definido pelo Banco Mundial em 1992, como o exercício da autoridade, controle, administração, poder de governo e a maneira pela qual este é exercido na administração dos recursos sociais e econômicos de um país com vistas ao desenvolvimento.

## Filme

### Surplus



REPRODUÇÃO

Suécia, 2003.  
Direção: Erik Gandini.  
Duração: 54 min.

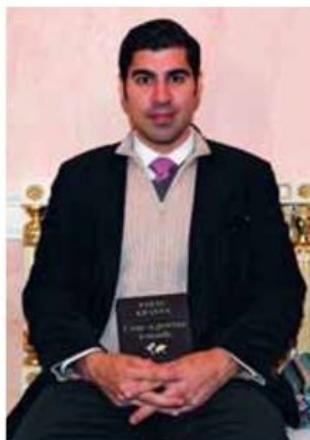
O documentário chama a atenção pela forma como as imagens e falas são editadas, num ritmo surpreendente. Trata da questão do consumo no mundo globalizado, com ênfase em realidades distintas. O filme mostra também imagens da Índia para revelar a exploração do trabalho, a degradação ambiental e exemplificar a maneira como a lógica do consumo vem alterando as relações sociais.

Com base nesse ponto de vista, o ideal de integração ao qual Maalouf se refere vai além do processo regional conhecido. A questão que se coloca é: como seria possível integrar um mundo completamente esfacelado, desajustado e esgotado pela globalização – em especial no que se refere às relações entre o Ocidente e o Oriente? Com um ponto de vista contrário ao processo de integração, o pensador indo-americano Parag Khanna, especialista em Relações Internacionais, mostra de que maneira está ocorrendo um retorno às relações de poder existentes no mundo medieval. Nossa mundo não seria integrado, mas fragmentado, dotado cada vez mais de conexões dispersas entre o público e o privado, submetido à influência política de organizações globais e de indivíduos de projeção mundial. A integração, portanto, não poderia ser considerada um fenômeno estável e duradouro.

O caminho para a transformação da "nova Idade Média" em um "novo Renascimento" estaria na mudança dos padrões de **governança**. Os atores principais envolvidos nos processos de integração foram os agentes estatais (por meio da diplomacia). Porém, esses mesmos agentes foram os que sentiram mais profundamente a globalização, pois cada vez mais novos atores passaram a intervir em suas decisões, como consequência da globalização das comunicações. Por conta disso, seria necessário mudar a governança, indo além dos meios de exercício do poder existentes nas escalas intergovernamental e supranacional.

Khanna propõe uma "megadiplomacia", mediante a qual uma nova geração (em especial aquela que cresceu após o fim da Guerra Fria) atuará de forma totalmente interligada, expandindo as relações sociais para além das fronteiras e lidando com os problemas globais de maneira interdisciplinar. Esse tipo de governança seria um novo e interessante caminho para propiciar uma integração e uma (re)ação perante a globalização, uma proposta que se projeta tendo por base os problemas sociais atuais rumo a uma globalização mais humana e democrática.

## Quem escreveu sobre isso



MARCO SECCHI/GETTY IMAGES  
Para Parag Khanna, as decisões dos países do Segundo Mundo podem alterar o equilíbrio global do poder.

### Parag Khanna

O indo-americano Parag Khanna (1977), nascido em Kampur, na Índia, é PhD em Relações Internacionais pela London School of Economics. Intelectual global amplamente citado, participa de forma ativa dos meios de comunicação de todo o mundo, tendo vários artigos publicados. Em 2008, foi consultor de política externa da campanha de Barack Obama (1961-) à presidência dos Estados Unidos. Seu primeiro livro, *O Segundo Mundo: impérios e influência na nova ordem global*, publicado em 2008, foi best-seller internacional, traduzido em mais de 20 línguas. Nessa obra, Khanna analisa as transformações globais em curso com base na perspectiva dos Estados emergentes e considera a ascensão de um "Segundo Mundo" muito importante para o futuro, na medida em que possibilita uma nova governança global, capaz de fazer a transição de um mundo "neomedieval" para um novo "Renascimento".

De acordo com o especialista, na atualidade, a expressão "Segundo Mundo" diz respeito a 40% das nações que têm características do Primeiro e do Terceiro Mundo simultaneamente, como a Índia, a Rússia, o Irã e o Brasil.

## Fórum Social Mundial

O Fórum Social Mundial (FSM) surgiu em 2001, na cidade de Porto Alegre, quando representantes de organizações e movimentos sociais de diversos países se reuniram para defender um modelo alternativo de globalização. Desde então, o evento tem ocorrido anualmente em diferentes lugares do mundo (Brasil, Índia, Quênia, Mali, Venezuela, Tunísia) com um público estimado superior a 1 milhão de participantes se somarmos todas as suas edições, tornando-se o contraponto do Fórum Econômico Mundial (FEM), realizado anualmente em Davos, na Suíça, que reúne os representantes das instituições mais poderosas do mundo e os líderes políticos dos países mais ricos.

REPRODUÇÃO



Cartaz da edição de 2015 do Fórum Social Mundial, realizado na cidade de Túnis (Tunísia).

Entre as principais discussões do FSM está o esgotamento do modelo neoliberal e a proposta de modelos alternativos de organização econômica, política e social. Em 2005, de volta à capital gaúcha, o FSM lançou, como alternativa ao Consenso de Washington, o Consenso de Porto Alegre, um manifesto com propostas de medidas para uma globalização que ofereça autonomia às pessoas e aos povos, com justiça e democracia.

As medidas propostas no manifesto são:

### Econômicas

- Cancelamento da dívida externa para os países do sul global (com foco na América Latina e na África).
- Estabelecimento de uma taxa internacional para grandes transações, a fim de evitar a especulação financeira internacional.
- Fim dos paraísos fiscais.
- Direito universal a emprego, proteção social e aposentadoria.
- Promoção da economia solidária e rejeição da economia livre, com ênfase na importância de serviços públicos como educação, saúde, serviços sociais e direitos culturais, que devem estar acima dos direitos comerciais.
- Garantia da soberania alimentar a todos os países, com estímulo ao campesinato e à agricultura familiar.

- Abolição de patentes sobre conhecimento e bens essenciais.

### Para a paz e a justiça

- Adoção de políticas públicas para lutar contra o racismo, a discriminação, o sexism, a xenofobia, o antisemitismo e a intolerância religiosa, além do reconhecimento pleno dos direitos políticos, culturais e econômicos dos indígenas.
- Adoção de medidas para deter a destruição ambiental e amenizar o aquecimento global com base em modelos alternativos de desenvolvimento econômico.
- Desmantelamento de todas as tropas de todos os países, exceto as que estão sob ordem explícita da ONU.

### Democráticas

- Garantia do direito à informação e do direito de informar, com descentralização da produção de conteúdo noticioso e enfraquecimento do poder da grande mídia. Garantia de autonomia para os jornalistas das mídias alternativas.
- Reforma de instituições internacionais baseadas na Declaração Universal dos Direitos Humanos e incorporação do Banco Mundial, do FMI e da Organização Mundial do Comércio (OMC) à ONU.



A charge satiriza a diferença entre as grandes potências do Fórum Econômico Mundial e as alternativas e críticas ao modelo de desenvolvimento vigente.

### Um panorama do debate sociológico sobre a globalização

Néstor García Canclini (1939-), antropólogo argentino radicado no México, escreveu sobre a globalização, definindo-a como "objeto cultural não identificado". Não há consenso acadêmico sobre quando a globalização teria começado, nem quanto à definição de seu conceito. Os autores que situam a globalização no século XVI, no início da modernidade ocidental e da expansão capitalista, privilegiam seus aspectos econômicos. Em contrapartida, os que privilegiam a análise das nuances culturais, políticas e comunicacionais estabelecem o fim da Guerra Fria e o desaparecimento da URSS como marcos para as transformações globais e a expansão de mercados planetários.

Canclini situa o início da globalização na segunda metade do século XX, compreendendo que é resultado de dois processos anteriores: a internacionalização e a transnacionalização. As Grandes Navegações e a abertura comercial da Europa para o Oriente e a América Latina constituíram a internacionalização, que abriu caminho para a transnacionalização com a criação de empresas independentes dos Estados de origem. Como exemplo desse momento Canclini cita as telenovelas mexicanas e brasileiras, que acabaram se tornando muito populares na China e na Itália, além dos filmes de Hollywood, divulgadores da visão estadunidense de mundo.

Sem cair no determinismo tecnológico, Canclini afirma que os novos fluxos comunicacionais, possibilitados pelas tecnologias da informação, forjaram a construção de produtos simbólicos globais e de novas percepções da produção espaço-tempo, o que caracteriza o atual momento globalizado, marcado pela fragmentação e pela coexistência de múltiplas narrativas. A globalização não apenas homogeneiza, mas também fragmenta, desagrega e cria desigualdades, além de espalhar sedução e pânico.

Canclini afirma que pode existir um outro lado desse processo de globalização, não tão homogeneizador, mas também que se adapta e resiste.

Para esse autor, a homogeneização dos padrões referenciais de consumo por parte do mercado pode vir a enfraquecer aspectos materiais e imateriais das culturas locais, tendo, assim, um caráter negativo. Contudo, Canclini reconhece que o acesso a outras expressões culturais pode tanto promover a incorporação de novas referências culturais quanto afirmar a identidade local daquilo que se apresenta como o padrão global, o que teria um caráter essencialmente positivo.

Uma canção de Gonzaguinha (1945-1991) pode ajudar a entender a relação do regional com o global:

#### From United States of Piauí

A minha prima lá do Piauí  
Deixou de fazer renda só pra ver novela  
A minha prima lá do Piauí  
Não bebe mais garapa, vai de Coca-Cola  
  
Luz de candeia não se usa mais  
Luz artificial substitui o gás  
Calça de couro, alvorá de brim  
Deram seu lugar pra tal de calça Lee  
  
A minha prima escreveu pra mim  
E não fala venha cá, só fala *come here*  
Vou mandar minha resposta breve  
Para o United States of Piauí

GONZAGUINHA. *Gonzagão e Gonzaguinhajuntos*. Sony/BMG/RCA, 1991.

### Convenção 29 da Organização Internacional do Trabalho (OIT)

As Convenções da OIT, organização criada em 1919, são normas internacionais que procuram promover direitos e coibir práticas perniciosas no mundo do trabalho. Os Estados-membros da OIT assinam e ratificam essas convenções a fim de implementá-las, seja na forma de lei, seja como práticas relacionadas às condições laborais de cada país. A Convenção 29, ratificada pelo Brasil e por outros Estados-membros,

proíbe qualquer prática de trabalho forçado ou obrigatório, definido como "todo trabalho ou serviço exigido de qualquer pessoa sob a ameaça de qualquer penalidade e para o qual a pessoa não se tenha oferecido espontaneamente". Segundo a ONU, calcula-se que cerca de 21 milhões de pessoas são vítimas de trabalho forçado, uma prática ligada principalmente, mas não apenas, à migração.

APU GOMES/FOLHAPRESS



O trabalho escravo, que por mais de 300 anos foi a base da força de trabalho no Brasil, ainda está presente em nosso país. Contudo, diferentemente do passado, hoje o Estado atua na repressão a essa forma ilegal de atividade. Na imagem, fiscais do Ministério Público constatam trabalho escravo numa oficina de tecelagem na cidade de Americana (SP, 2013).

#### Atividade

Leia a matéria de jornal reproduzida a seguir.

O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e o Ministério Público do Trabalho (MPT) vão apurar a ligação das Lojas Americanas com uma oficina de costura que mantinha trabalhadores em condição análoga à de escravidão. Após realizar uma fiscalização em janeiro, os órgãos flagraram a situação na cidade de Americana (SP).

[...]

A empresa, que fornecia roupas infantis à Lojas Americanas, foi alvo de investigações pelo Ministério Público do Trabalho (MPT) da 15ª Região, que abrange o interior de São Paulo, e MTE no dia 22 de janeiro [de 2013]. Fiscais dos órgãos encontraram cinco bolivianos trabalhando em condições análogas à escravidão em uma oficina de costura contratada pela Hippy chick em Americana (SP). De acordo com o MPT, a Hippy chick Moda Infantil teria como única cliente a Americanas.

[...] Após a fiscalização, realizada no dia 22 de janeiro, a Hippy chick recebeu 23 multas pelas irregularidades encontradas. [...].

A companhia firmou ainda um Termo de Ajuste de Conduta (TAC), no qual se comprometeu a pagar uma indenização de R\$ 5 mil a cada trabalhador encontrado em situação análoga à escravidão. Em caso de descumprimento a companhia pagará multa de R\$ 100 mil, que será revertida ao Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

[...].

MENGARDO, Bárbara. Ministério do Trabalho investiga Lojas Americanas. Disponível em: <<http://metalurgicos.org.br/noticias/ministerio-do-trabalho-investiga-lojas-americanas/>>. Acesso em: mar. 2016.

Em grupo, tentem responder às seguintes questões.

1. Quais foram os crimes realizados pela confecção investigada e denunciados pelo MPT?
2. O trabalho forçado sempre foi criminalizado no Brasil? O que mudou? Qual é a importância da lei na regulamentação das relações entre trabalhadores e patrões?
3. Quais são os motivos de ainda hoje persistirem formas de trabalho análogas à escravidão e que meios poderiam ser usados para combatê-las?

## Tensões sociais expressas no muralismo mexicano de Diego Rivera



© BANCO DE MÉXICO DIEGO RIVERA & FRIDA KAHLO MUSEUMS TRUST,  
MÉXICO, D.F./AUTVIS, BRASIL, 2016. ARTEPICS/ALAMYGL/IMAGES - MUSEO  
BELLAS ARTES, MÉXICO

*O homem controlador do Universo* (1934), de Diego Rivera. Mural, 4,46 × 11,46 m.  
O artista mexicano foi um representante do Movimento Muralista.

As obras muralistas de Diego Rivera (1886-1957) demonstram a integração entre a Política e a História por meio de um novo modo de expressão artística que vem ocupar espaços urbanos com o uso de grandes painéis. O Movimento Muralista mexicano, do qual Diego Rivera faz parte, propõe o rompimento com a pintura tradicional, aquela feita em cavaletes e pensada para ser exibida em espaços socialmente delimitados e selecionados, como os museus. Por meio dessa nova proposta, a arte vai até o público nos lugares onde as pessoas circulam, no seu cotidiano. Muros, estações de trem e de metrô, paredes de prédios são espaços em que as obras passam a ter outra magnitude. Isso ocorre porque, tanto por seu tamanho físico como por seus objetivos, tais obras traduzem, por meio de expressão artística visual, uma série de tensões sociais e políticas, explicitando circunstâncias históricas de opressão e incentivando o necessário rompimento com essas conjunturas. Desse modo, o Movimento Muralista está vinculado à Revolução Mexicana, que se deu no início do século XX e expressa a necessidade de o México, assim como os demais países colonizados, alcançar maior autonomia cultural, política e econômica. Ao atingir as massas, o Movimento Muralista assume seu papel social de catalisar processos de crítica à hegemonia imperialista e de promover a discussão sobre aspectos históricos muitas vezes silenciados.

A imagem acima apresentada é uma das obras muralistas de Diego Rivera. Ela começou a ser executada entre 1932 e 1933, no Rockefeller Center, em Nova York

(Estados Unidos), mas, por ter conotações revolucionárias, foi censurada. Pediu-se que a imagem de Lenin fosse retirada da pintura. Discordando dessa interferência política em sua obra, Rivera decidiu reiniciar a execução do mural em outro local, situado no México, onde foi concluída (em 1934) e renomeada como *O homem controlador do Universo* (antes se chamava *O homem na encruzilhada dos caminhos*). Nela, encontramos uma síntese da polarização ideológica da época, na qual o capitalismo e o socialismo enfrentavam-se em competição de teor bélico, científico, político e econômico. A obra pintada em Nova York foi primeiro coberta e em seguida destruída.

### Atividade

Em grupo, pesquisem sobre um dos temas a seguir e partilhem suas descobertas com a classe.

1. História de vida de Diego Rivera: trajetória pessoal, apresentação de sua formação e de suas principais referências artísticas, sua inserção política na sociedade mexicana.
2. Caracterização do Movimento Muralista mexicano: identificação de suas origens, os principais propósitos e realizações de seus integrantes, a repercussão no México e em outros países.
3. Caracterização da Revolução Mexicana: apresentação dos motivos que levaram à eclosão dessa revolução e as associações entre os interesses dos integrantes da Revolução Mexicana e algumas das obras do Movimento Muralista.